

Tratamento de mulheres usuárias de crack: Uma análise a partir da literatura

Treatment of female crack users: An analysis from the literature

Tratamiento de mujeres usuarias de crack: Un análisis a partir de la literatura

Recebido: 06/04/2021 | Revisado: 15/04/2021 | Aceito: 16/04/2021 | Publicado: 28/04/2021

Taís Veronica Cardoso Vernaglia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3391-7301>
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: tais.vernaglia@unirio.br

Marcelo Santos Cruz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0057-2095>
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: marcelosantosacruz@ipub.com.br

Simone Peres

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7352-8664>
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: simoneoperes@gmail.com

Luciana de Souza Pereira de Magalhães

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6937-4989>
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: lucianamagalhaes13@gmail.com

Cristiane Rodrigues da Rocha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5658-0353>
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: cristiane.r.rocha@unirio.br

Resumo

Objetivo: Identificar e analisar as formas de tratamento direcionadas as mulheres usuárias de crack apresentadas na literatura. **Método:** Revisão bibliográfica, do tipo revisão integrativa da literatura, com base em produções científicas disponíveis em: BVSPsi, Pepsic, Socindex e Pubmed. Selecionados 36 estudos qualitativos e de campo, com mulheres usuárias de crack como sujeitos do estudo. **Resultados:** O estigma foi a principal barreira para o tratamento. Indica-se que seja adotada a perspectiva de gênero no tratamento das usuárias de crack e a inclusão da família pode amenizar conflitos e favorecer ações de cuidado. Ressalta-se a menção das salas de uso como um fator de proteção contra as diversas situações de violência presentes no território. **Conclusão:** É fundamental incluir questões relativas ao feminino na definição das formas de tratamento destinadas as mulheres usuárias de crack. Este artigo pode indicar lacunas nas pesquisas de campo que precisam ser aprofundadas e ampliadas para outras realidades.

Palavras-chave: Drogas Ilícitas; Vulnerabilidade social; Saúde da mulher; Usuários de drogas; Feminino.

Abstract

Aims: Identify and analyze the published articles of female crack users treatment. **Method:** Integrative review of the literature, based on scientific productions available at the bases: BVSPsi, Pepsic, Socindex and Pubmed. Thirty-six qualitative and field studies were selected, which included women users of crack as study subjects. **Results:** Stigma was the main barrier to treatment. Authors reviewed suggest that a gender perspective should be adopted in the treatment of women who use crack, and the inclusion of the family can ease conflicts and favor care actions. Finally, authors mention that the use of safe rooms may be a protection factor against the various situations of violence present in the territory. **Conclusion:** It is essential to include women's issues in the definition of treatment for women crack users. This article may indicate gaps in field surveys that need to be deepened and broadened to other realities.

Keywords: Illicit drugs; Social vulnerability; Women's health; Drug users; Female.

Resumen

Objetivo: Identificar y analizar las formas de tratamiento de las mujeres usuarias de crack presentadas en la literatura. **Método:** Revisión bibliográfica, del tipo revisión integrativa de la literatura, con base en producciones científicas disponibles en: BVSPsi, Pepsic, Socindex y Pubmed. Se seleccionaron 36 estudios cualitativos y de campo, con usuarias de crack. **Resultados:** El estigma fue la principal barrera para el tratamiento. Se indica que se adopte la perspectiva de género en el tratamiento de las usuarias de crack y la inclusión de la familia puede amenizar conflictos y favorecer acciones de cuidado. Se mencionan las salas de uso como factor de protección contra situaciones de violencia presentes en el territorio. **Conclusión:** Es fundamental incluir cuestiones relativas al femenino en la definición de las formas de tratamiento destinadas a esas mujeres. Este artículo puede indicar lagunas en los estudios de campo que necesitan ser profundizadas y ampliadas para otras realidades.

Palabras clave: Drogas ilícitas; Vulnerabilidad social; Salud de la mujer; Consumidores de drogas; Femenino.

1. Introdução

A Organização Mundial de Saúde salienta que a saúde das mulheres deve ser foco das ações públicas em virtude da discriminação sofrida por elas, fortemente enraizada em fatores socioculturais (United Nations, 2019). No Brasil, o acesso universal deve assegurar a igualdade de oportunidades para tratamento (Dresch, 2015). Neste contexto, no mundo todo, mulheres enfrentam riscos de saúde associados às questões de gênero e desafios para acessarem os serviços (United Nations, 2019; Vernaglia et al, 2017).

Usuárias de crack se encontram em situação de vulnerabilidade social em virtude da baixa escolaridade, alto índice de desemprego, ausência de renda fixa e de uma rede de apoio social/familiar, (United Nations, 2019; Bastos e Berton, 2014) acentuada pelo abuso físico, psicológico, sexual e comportamento sexual de risco (Lorvick, Comfort, Krebs, & Kral, 2015; Data, Burnhams, Laubscher, Parry, & Myers, 2018). Além disso, possuem importantes comprometimentos relacionados à desenvoltura social, auto exposição, autocontrole da agressividade, que comprometem sua qualidade de vida (Limberg, 2016). Todavia, percebe-se que essa população acessa menos os serviços de saúde quando comparadas aos homens (Vernaglia et al, 2017; Candice, 2018; Gage e Thomas, 2017).

Identifica-se que os avanços na saúde da mulher ficaram restritos à sexualidade e à reprodução, deixando de lado aspectos relativos ao gênero que são relevantes para garantir o acesso ao tratamento (Adam & Smrek, 2018; Horton & Ceschia, 2015). Outrossim, ainda são reduzidas as publicações, com base em estudos de campo, que evidenciem formas de abordagem e tratamento disponíveis para mulheres usuárias de crack.

As ciências da saúde, continuam a privilegiar estudos de epidemiologia clínica que apresentam informações quantitativas a partir de instrumentos de coleta de dados fechados, deixando de lado questões relativas aos aspectos socioculturais presentes na experiência do uso das drogas (Rui, 2019).

Estudos publicados recentemente sobre crack e que utilizaram o método de revisão da literatura não tratam especificamente sobre abordagens de tratamento para mulheres usuárias de crack.

Apenas dois estudos (Teixeira & Ribeiro, 2017; 14. Limberger, Nascimento, Schineider, & Andretta, 2016) se aproximaram desta temática. Estes estudos sinalizaram a necessidade de pensar sobre modelos de atenção aos usuários de crack e suas características de vulnerabilidade. Também pontuaram a necessidade de estudos que avaliem as especificidades femininas no tratamento desse segmento no contexto brasileiro. Sendo assim, os objetivos deste estudo foram identificar e analisar as formas de tratamento direcionadas as mulheres usuárias de crack apresentadas na literatura.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo revisão integrativa da literatura e com base em produções científicas disponíveis nas bases: BVSPsi, Pepsic, Socindex, Scielo e Pubmed. Foram adotadas as etapas para revisão da literatura sistematizada definidas por Galvão & Pereira (2014), a saber: identificação do tema, estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, identificação dos estudos selecionados, categorização, análise e interpretação dos resultados, apresentação da síntese do conhecimento (Galvão & Pereira, 2014; Botelho, Cunha, & Macedo, 2011). Este método foi usado para definir o panorama científico de estudos publicados e viabilizar a sistematização dos achados na literatura sobre tratamento de mulheres usuárias de crack. Utilizamos o método PICOD para estruturar a busca nas bases de dados: P – mulheres usuárias de crack; I – tratamento; C – não há; O – resultados relacionados ao tipo, forma e abordagens de tratamento; D – estudos qualitativos tendo por base pesquisas de campo²⁰.

Os seguintes critérios de inclusão foram definidos: estudos qualitativos e de campo, de bases nacionais e internacionais, que apresentassem resultados de pesquisas que incluíssem em seus sujeitos mulheres usuárias de crack, nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola. E como critérios de exclusão: estudos com metodologia apenas quantitativa, estudos

experimentais e farmacológicos. A partir de uma consulta na BVS, definimos o descritor primário – crack cocaína e os descritores associados – crack, drogas ilícitas, minorias sexuais, uso de drogas, mulheres, gênero, gênero e saúde, identidade de gênero, relações interpessoais, estigma, estigma social, violência contra a mulher, discriminação social, psicologia social, direitos humanos, agrupados em combinações diferentes. Acessado o Portal de Periódicos CAPES por oferecer um maior número de textos completos.

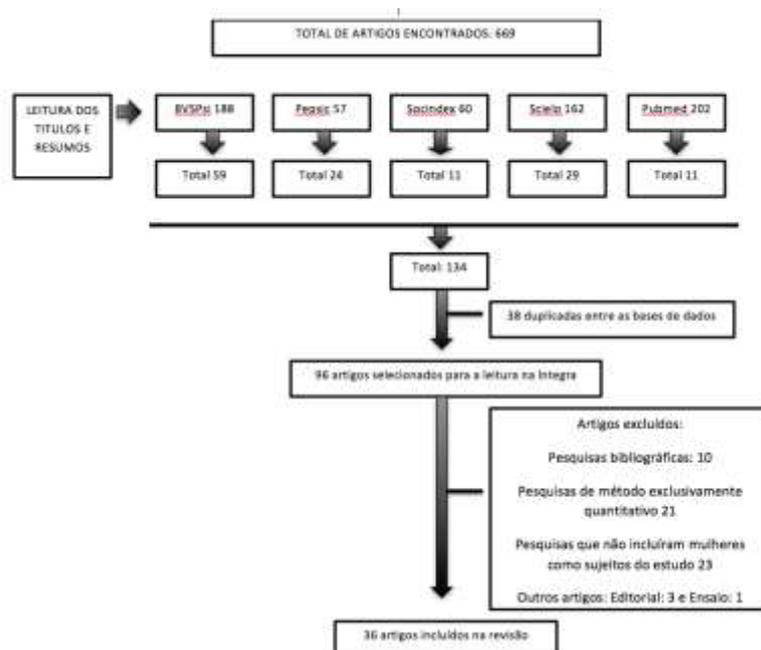
Estes artigos foram submetidos à leitura por pelo menos dois autores diferentes e incluídos em um quadro de análise com os itens: título, resumo, introdução, método, resultados, discussão, base de dados, limitações do estudo, versão adaptada PRISMA 2009 check list. Como base no material apresentado, construiu-se um fluxograma adaptado modelo PRISMA para estruturação do material de análise.

Utilizamos o software de gerenciamento de dados qualitativos, NVivo, para agrupamento e categorização dos resultados. A partir da análise temática, os artigos foram agrupados nos seguintes temas: barreiras do acesso ao tratamento; como se constitui o tratamento das mulheres usuárias de crack; o trabalho com a família como vertente do tratamento; a internação como vertente do tratamento; outras abordagens no tratamento: a redução de danos e as salas protegidas; o trabalho no território como paradigma do tratamento.

3. Resultados

Encontrados 669 artigos nas segu bases de dados: BVSpsi 188 artigos; Pepsic 57 artigos; SocioIndex 60 artigos; Scielo 162; Pubmed 202. Após a leitura dos títulos e resumos e aplicação dos critérios de inclusão foram excluídos os artigos quantitativos, bibliográficos e os que não tivessem mulheres nos sujeitos descritos no resumo. Um total de 134 artigos foram selecionados, sendo: BVSpsi 59 artigos; Pepsic 24 artigos; SocioIndex 11 artigos; Scielo 29; Pubmed 11. Haviam 38 duplicadas que, após excluídas, restaram 96 artigos para a leitura na íntegra. A partir desta leitura, excluímos 10 artigos bibliográficos, 21 estudos exclusivamente quantitativos, 23 que não incluíram mulheres como sujeitos do estudo, 3 editoriais, 1 ensaio e, ao final, reunimos um total de 36 artigos para análise (Figura 1).

Figura 1: Perfil dos artigos segundo base dados.



Fonte: Autores, (2020).

Dos 36 artigos incluídos, o Brasil foi o local de estudo em que mais se pesquisou sobre mulheres que usam crack, totalizando 27 artigos. Outros países investigaram o mesmo objeto: 4 estudos nos EUA, 2 em El Salvador, 2 no Canadá e 1 com dois cenários diferentes (Brasil e os EUA). Ao longo dos anos, houve um aumento do número de publicações sobre esta temática: só no ano de 2015, 10 artigos publicados.

Dos 36 estudos qualitativos incluídos, 6 usaram também métodos quantitativos, 5 eram etnografias e 1 pesquisa documental. A entrevista foi a ferramenta metodológica usada em 22 trabalhos, seguido de 5 observações, 2 histórias de vida e 1 grupo focal. Em relação às entrevistas, 7 foram entrevistas em profundidade, 4 associaram as entrevistas aos grupos focais e 2 à técnica de observação. Em relação às observações, duas delas foram feitas durante os grupos focais.

Todos os estudos foram realizados com mulheres e apenas 7 tiveram somente mulheres como sujeitos do estudo e 18 incluíram homens nas suas análises. Em 11 estudos detectou-se a inclusão de mulheres a partir da leitura dos resultados, mas não especificaram no método o seu quantitativo.

4. Discussão

4.1. Barreiras do acesso ao tratamento

Percebe-se que a maioria das pesquisas não possui como objeto de estudo o estigma da mulher usuária de crack, mas o mencionam como uma barreira no acesso ao tratamento. Apenas um dos estudos tratou especificamente sobre o estigma a partir de um contexto específico que foi a prática intra-grupos (Gun & Canada, 2015). Autores reconhecem que homens e mulheres usuários de crack vivenciam sentimentos de discriminação e auto-discriminação por parte da sociedade como um todo (Pavanatto et al, 2015). Em um estudo com moradores de rua, os autores afirmaram que as adições podem ser consideradas também doenças socio coletivas, ou seja, um reflexo direto das realidades culturais, econômicas e políticas nas quais o sujeito está inserido (Caravaca-Moreira & Padilha, 2015).

Um dos fatores mencionados como propulsor do estigma social são as propagandas que colaboram para aumentar o preconceito em relação ao usuário de drogas (Romanini & Roso, 2018). Outro fator é o próprio contexto familiar que pode comunicar visões negativas que moldam como as mulheres percebem e impõem estigmas dentro de seus relacionamentos com pares (Pavanatto et al, 2015). O estudo que analisou as experiências, significados e sentidos dos usuários de crack em relação ao tratamento, afirmou que familiares tendem a colocar o usuário na posição de doente, contribuindo para o processo de estigmatização do mesmo (Paula, Jorge & Vasconcelos, 2019).

Para Medeiros e colaboradores mulheres sempre foram mais criticadas que homens por usarem drogas, sendo acusadas por não cumprirem funções femininas ou de se tornarem sexualmente promíscuas quando intoxicadas (Madeiras, Maciel, Sousa & Vieira, 2015). Cuidar e educar os filhos faz parte, culturalmente, do papel feminino e uma mãe usuária de drogas é vista pela sociedade como irresponsável e egoísta (Camargo et al, 2018). Estes mesmos autores afirmam que essas mulheres são duplamente estigmatizadas e sentem culpa pelo vício, ocasionando baixa auto-estima e sintomas de ansiedade (Camargo et al, 2018).

Os estudos sugerem que o estigma é ainda maior quando se trata de gestantes que usam crack, sendo especialmente preocupante, visto que a droga traz riscos tanto à saúde da mulher quanto do feto, sendo uma percepção a ser vencida pelos serviços de saúde (Ventura et al, 2020).

Para Gunn e Canada (2015) o estigma interfere diretamente no acesso aos serviços de saúde, já que algumas mulheres o percebem baseado na crença de que certos usuários de drogas não merecem tratamento, incluindo elas próprias.

4.2 Referenciais para o tratamento das mulheres usuárias de crack

Estudos diferentes concordam em dizer que a população feminina usuária de drogas possui características que não

podem ser generalizadas (Cruz et al, 2014). Desta forma, no tratamento, devem ser consideradas as trajetórias de vida das mulheres, motivações e experiências, o entendimento do conjunto de fatores ligados ao contexto de uso, o lugar, as companhias, a percepção social e significados atribuídos ao uso da droga (Raupp & Adorno, 2011; Fertig et al, 2016).

Assim, alguns autores indicam como sendo importante adotar a perspectiva de gênero no tratamento das mulheres usuárias de crack (Data et al, 2018). Para esses autores existe um padrão de consumo singular nesse grupo, como consumir o crack às escondidas com medo de serem identificadas (Cruz et al, 2015).

Um referencial que não deve ser adotado é o conceito da abstinência, criticado em diferentes estudos já que se baseia na cura da doença, pautada no modelo biomédico, e na concepção do usuário como vítima da substância (Paula, Jorge, Albuquerque & Queiroz, 2014; Medeiros, 2014). Mesmo sendo criticado os autores reconheceram que este referencial pode aparecer no tratamento e que existem fatores promotores das decisões sobre manter-se abstinente, como medo de perderem seus filhos, devido à desestruturação de suas vidas causadas pelo consumo do crack (Camargo et al, 2018; Carvalho et al, 2017; Ventura et al, 2020).

Entende-se que a redução dos danos e dos riscos deve ser um paradigma político (Romanini & Roso, 2018). Isto porque esta abordagem mostra-se mais resolutiva para os usuários de crack, pois pode contemplar um maior número de sujeitos, em especial, os que se encontram em situação de rua (Romanini & Roso, 2018; Frugoli & Spaggiari, 2011).

Como estratégia de redução de danos, a maconha surgiu como principal forma de reduzir a fissura do crack, seja pelo uso de mesclado (cigarro de maconha e crack), seja pelo uso de maconha após o crack (mais frequente na amostra) (Leite, Oliveria & Cruz, 2015). Para evitar overdose, mencionou-se a necessidade do controle da quantidade de crack fumado (Bica & Cruz, 2019).

Entende-se que apenas as práticas de distribuição de kits para o uso seguro de crack não são suficientes 37. Neste sentido, dois estudos comentaram sobre a necessidade dos espaços protegidos para o uso assistido do crack, em função da violência nas cenas de uso e o próprio estigma do usuário (Bica & Cruz, 2019; Vallim, 2015).

4.3 Ferramentas utilizadas no tratamento das mulheres

Foram mencionadas três ferramentas no tratamento das mulheres usuárias de crack: o tratamento da família; o trabalho em grupo; e a internação. Entende-se que é imprescindível que familiares também sejam alvo das intervenções e que seja possível estabelecer parceria com os mesmos, em especial para lidar com a cultura de drogas (Melo & Santana, 2020). Em um dos estudos, realizado com usuárias de crack, os autores afirmaram que a família ocupou um lugar relevante nos discursos das usuárias, sendo considerada como importante fonte de apoio e suporte emocional necessário para a recuperação (Medeiros, Maciel, Sousa & Vieira, 2015). Além disso, foi atribuída à família toda a expectativa de apoio perante as dificuldades e sofrimentos enfrentados pelos seus membros no dia a dia (Medeiros, Maciel, Sousa & Vieira, 2015).

Através dos estudos, percebe-se que a inclusão de familiares em cenários de atendimento, pode reduzir hostilidades, amenizar conflitos, otimizar a comunicação interna, eliminar ganhos secundários e qualificar as ações de cuidado, com chance de se chegar a melhores resultados nos planos terapêuticos (Carvalho et al, 2019; Melo & Santana, 2020). Assim é possível que seus significados acerca do usuário mudem e, conseqüentemente, sua maneira de lidar com o problema e as expectativas que possuem em relação ao tratamento, contribuindo para um relacionamento familiar mais saudável e propiciando um ambiente de suporte, que favorece a busca e manutenção do tratamento pelo usuário (Paula, Albuquerque & Queiroz, 2014).

Em um estudo que abordou as questões de gênero no cotidiano dos usuários de crack, observou que as mulheres tinham mais dificuldades de falar sobre as situações de violência e de prostituição quando estavam na presença dos homens. Os autores sugeriram que a abordagem às mulheres usuárias de crack seja pensada através de grupos separados por gênero (Gunn & Canada, 2015).

Diferentes estudos criticam a internação como estratégia eficaz no tratamento de pessoas com problemas com drogas e o entendimento deste espaço como lócus privilegiado de tratamento, especialmente nos atuais debates sobre o abuso de drogas (Romanini & Roso, 2018).

A desintoxicação foi mencionada como a retomada da consciência que permite escolher o “viver saudável” (Pavanatto et al, 2015). Desta forma, a não adesão ao tratamento é considerada desinteresse em cuidar de si e que resulta de um processo de passividade de um sujeito que se deixou dominar pela droga e que acarretará em consequências na sua relação com o serviço de saúde (Macedo & Machado, 2016). E o cuidado lúdico foi descrito como ferramenta produtora de um ambiente acolhedor, de vínculo e que conscientiza sobre a necessidade da hospitalização (Pavanatto et al, 2015).

O manejo da fissura também foi mencionado como estratégia comportamental que pode ser usada no ambiente hospitalar e extra-hospitalar, através de técnicas, uso de medicamentos e a intervenção verbal dos profissionais (Seleglim & Oliveira, 2016).

Autores criticaram a internação quando direcionada para mulheres usuárias de crack e pessoas em situação de rua. Afirmaram que um agravante para esses grupos é a falta de suporte da equipe de saúde, do familiar e o fato de terem que retornar para a rua. Também, foram criticados os paradigmas que orientam o tratamento nas clínicas de reabilitação baseados na religião e no trabalho, centrados nos preceitos morais e corporais e marcados pelo excesso ou pela transgressão das normas sociais (Medeiros, 2014).

4.4 O trabalho no território como paradigma do tratamento

A ampliação do acesso aos cuidados de saúde precisa envolver diferentes recursos na comunidade: os agentes comunitários de saúde, Programas de Redução de Danos, equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF), Consultórios na Rua, agentes de segurança pública e da assistência social, Centros de Atenção Psicossocial, entre outros atores sociais, programas e instituições, que trabalhem de maneira intersetorial consistente (Ventura et al, 2020; Medeiros, 2014). Dentre estas estruturas, é atribuída importância à atuação dos profissionais inseridos no âmbito do território e toda rede de cuidado (Melo & Santana, 2020; Eslabão et al, 2019).

Dentre as ações intersetoriais, mencionou-se a necessidade de ações conjuntas entre profissionais da saúde, da educação, da assistência social, da segurança pública (Melo & Santana, 2020; Eslabão et al, 2019). Este olhar interdisciplinar foi mencionado como fundamental para pessoas que usam drogas e que vivem nas ruas e este deve incluir as dimensões pessoal, física, psicológica, social, econômica e familiar (Caravaca-Morera & Padilha, 2015). Em um dos estudos, enfermeiras foram apontadas como profissionais-chaves na ESF que podem promover ações preventivas que interfiram nas motivações relacionadas ao uso do crack (Carvalho et al, 2017).

Os autores falaram sobre criar oportunidades de reinserção social e deixam claro que uma estratégia importante é que as mulheres procurem se distanciar das chamadas “áreas de risco”, por meio do afastamento de amigos com quem usavam a droga e de locais onde costumavam consumir crack, andar com pouco dinheiro e não consumir outras drogas que possam desencadear a vontade de usar o crack (Caravaca-Morera & Padilha, 2015; Cruz et al, 2014). A reinserção social pelo trabalho também foi mencionada como fundamental para usuários de crack que se encontram em tratamento (Pedrosa et al, 2016).

5. Conclusão

O presente estudo versou sobre o tratamento das mulheres usuárias de crack a partir da literatura vigente, gerando conhecimentos que permitiram entender como se constitui as diversas formas de abordagem e as ferramentas de intervenção destinadas a este grupo. A revisão do tema mulher usuária de crack e tratamento, com base nos estudos qualitativos, permitiu contemplar diversas formas de significados presentes no contexto do tratamento. Percebe-se que, embora tenha havido um

aumento das publicações de estudos neste campo, ainda existe um déficit significativo de produções.

A partir da análise dos resultados, destaca-se que o estigma é a principal barreira para o tratamento das mulheres usuárias de crack. Todavia, entende-se que é preciso considerar as particularidades das mulheres no que tange às questões relativas ao seu tratamento. Além disto, a inclusão da família deve ser feita nos cenários de atendimento e direcionar intervenções a este grupo.

Diferentes estudos ainda privilegiam cenários de internação e concluem que são locais que não respondem adequadamente às necessidades das usuárias de crack. Destacam que a internação se baseia no uso de ferramentas de intervenção na fissura. A redução de danos foi apontada como importante referencial e, dentre os recursos utilizados, destacou-se o uso da maconha para o controle da quantidade do uso.

A comunidade foi o espaço de destaque para ações intersetoriais. É relevante o fato de alguns estudos terem indicado as salas de uso protegido do crack como espaços de proteção contra à violência presente nas cenas de uso. Por fim, a diretriz clínica do trabalho em rede e no território ainda é a que melhor responde às necessidades impostas ao tratamento das mulheres usuárias de crack.

As principais limitações do estudo estão relacionadas ao número reduzido de publicações de campo sobre mulheres, aos resultados das pesquisas serem baseados em auto relatos e a diversidade de ferramentas metodológicas utilizadas. Desta forma, é necessário pensar em formas de generalizar resultados descritos em estudos qualitativos para que seja possível a ampliação de ações direcionadas ao tratamento de mulheres usuárias de crack.

Recomenda-se a ampliação de estudos qualitativos que tenham como enfoque a mulher e o uso de substâncias, em especial, com enfoque as diferentes ferramentas de abordagem utilizadas no seu tratamento.

Agradecimentos

Juliana Coelho do Sacramento e Stela Nascimento de Souza Gino

Referências

- Adams, M., & Smrek, M. (2018). Making Institutions and Context Count: How Useful Is Feminist Institutionalism in Explaining Male Dominance in Politics? *Politics & Gender*, 14(2), 271-276. doi:10.1017/S1743923X18000156
- Bastos, F. I., & Bertoni, N. B. (2014). *Pesquisa nacional sobre o uso de crack: Quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras?* Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/10019>
- Bica S. C. L., Oliveira M. M. de, & Cruz V. D. (2019). A pedra é o meu remédio: usuários de crack na percepção da própria saúde. *SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas*, 15(1), 50-56. doi: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2019.151787>
- Botelho, L. L. R., Cunha C. C. A., & Macedo, M. (2011). O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, 11(5), 121-136. doi: <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>
- Camargo, P. O., Oliveira, M. M. de, Herreira, L. F., Martins, M. F. D., Luft, C. F., & Kantorski, L. P. (2018). O enfrentamento do estigma vivido por mulheres/mães usuárias de crack. *SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas*, 14(4), 196-202. doi: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000354>
- Candice, L. Y. S. (2018). Exploring coping strategies and mental health support systems among female youth in the Northwest Territories using body mapping. *International Journal of Circumpolar Health*, 77(1), 1-12. doi: 10.1080/22423982.2018.1466604.
- Caravaca-Morera, J. A., & Padilha, M. I. (2015). A dinâmica das relações familiares de moradores de rua usuários de crack. *Saúde em Debate*, 39(106), 748-759. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201510600030015>
- Carvalho, M. R. S., Silva, J. R. D. S., Gomes, N. P., Andrade, M. S., Oliveira, J. F. D., & Souza, M. R. R. (2017). Motivações e repercussões do consumo de crack: o discurso coletivo de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial. *Escola Anna Nery*, 21(3), e20160178. Epub June 05, 2017. doi: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2016-0178>
- Cruz, V. D., Oliveira, M. M., Pinho, L. B., Coimbra, V. C. C., Kantorski, L. P., & Oliveira, J. F. (2014). Condições sociodemográficas e padrões de consumo de crack entre mulheres. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 23(4), 1068-1076. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-07072014000580013>
- Data, S., Burnhams N. H., Laubscher, R., Parry, C., & Myers, B. (2018). Alcohol and other drug use among women seeking substance abuse treatment in the Western Cape, South Africa. *South African Journal of Science*, 114(9-10), 1-7. doi: <https://dx.doi.org/10.17159/sajs.2018/4451>

- Dresch, R. L. (2015). Direito à saúde: para entender a gestão do SUS. Conselho Nacional de Secretários de Saúde–CONASS, 2015. Retrieved from <http://www.tjmt.jus.br/INTRANET.ARQ/CMS/GrupoPaginas/126/1127/O-ACESSO-À-SAÚDE-PÚBLICA-E-EFICÁCIA-DAS-NORMA-LEGAIS-E-INFRALEGAIS-DE-REGULAÇÃO-DO-SUS.pdf>
- Eslobão, A. D., Pinho, L. B. de, Camatta, M. W., Santos, E. O. dos, Cassola, T. P., & Silva, V. A. M. da. (2019). Potencialidades e desafios do trabalho da equipe itinerante no cuidado ao usuário de drogas. SMAD. *Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas*, 15(1), 32-39. doi: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2019.150016>
- Fertig A., Schineider J. F., Oliveira, G. C. D., Olschowsky, A., Camatta, M. W., & Pinho, L. D. B. (2016). Mulheres usuárias de crack: Conhecendo suas histórias de vida. *Escola Anna Nery*, 20(2), 310-316. doi: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160042>
- Frugoli, J. R. H., & Spaggiari, E. (2011). Networks and territorialities: an ethnographic approach to the so-called crackolândia ["crackland"] in São Paulo. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 8(2), 550-579. doi: <https://doi.org/10.1590/S1809-43412011000200027>
- Gage, A. J., & Thomas, N. J. (2017). Women's Work, Gender Roles, and Intimate Partner Violence in Nigeria. *Archives of Sexual Behavior*, 46(7), 1923–1938. doi: 10.1007/s10508-017-1023-4
- Galvão, T.F., & Pereira, M.G. (2014). Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 23(1), 183-184. doi: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018&lng=pt&tlng=pt
- Gunn, A. J., & Canada, K. E. (2015). Intra-group stigma: Examining peer relationships among women in recovery for addictions. *Drugs (Abingdon Engl)*, 22(3):281-292. doi: 10.3109/09687637.2015.1021241
- Horton, R., & Ceschia, A. (2015). Making women count. *The Lancet*, 386(9999), 1112–1114. doi: 10.1016/S0140-6736(15)60964-3
- Leite, S. C., Oliveira, M. M., & Cruz, V. D. (2015). Encounters with crack: beginning, length of use, daily quantity and form of use. SMAD. *Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas*, 11(2), 97-104. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762015000200006&lng=pt&tlng=en
- Limberger, J., Nascimento, R. S., Schineider, J. A., & Andretta, I. (2016). Women users of crack: systematic review of Brazilian literature. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 65(1), 82-88. doi: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000107>
- Lorvick, J., Comfort, M., Krebs, C. P., & Kral, A. H. (2015). Health service use and social vulnerability in a community-based sample of women on probation and parole. *Health Justice*, 3(1):13. doi: 10.1186/s40352-015-0024-4
- Macedo F. S., & Machado, P. S. (2016). Economia moral e modelos de atenção no cuidado com gestantes que usam crack. *Saúde em Debate*, 40(109), 34-46. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201610903>
- Medeiros, K. T., Maciel S. C., Sousa P. F., & Vieira G. L. S. (2015). Vivências e Representações sobre o Crack: Um Estudo com Mulheres Usuárias. *Psico-USF*, 20(3), 517-528. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200313>
- Medeiros, R. (2014). Construção social das drogas e do crack e as respostas institucionais e terapêuticas instituídas. *Saúde e Sociedade*, 23(1), 105-117. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000100008>
- Melnik, B. M., Fineout-Overholt, E., Stillwell, S. B., & Williamson, K. M. (2009). Igniting a Spirit of Inquiry: An Essential Foundation for Evidence-Based Practice: how nurses can build the knowledge and skills they need to implement EBP. *Am J Nurs*, 109(11), 49-52. doi: 10.1097/01.NAJ.0000363354.53883.58
- Melo, P. T., & Santana, S. M. (2020). O consumidor de crack: a influência das crenças familiares no tratamento. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 15(1), 1-16. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000100010&lng=pt&tlng=pt
- Paula, M. L. de, Jorge, M. S. B., & Vasconcelos, M.G.F. (2019). Desafios no cuidado familiar aos adolescentes usuários de crack. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 29(1), e290114. Epub doi: <https://doi.org/10.1590/s0103-73312019290114>
- Paula, M. L., Jorge, M. S. B., Albuquerque, R. A., & Queiroz, L. M. (2014). Usuário de crack em situações de tratamento: experiências, significados e sentidos. *Saúde e Sociedade*, 23(1), 118-130. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000100009>
- Pavanatto, P. A., Gehlen, M. H., Ilha S., Zamberlan, C., Rangel, R. F., & Nietzsche, E. A. (2015). Contribuições do cuidado lúdico em enfermagem na desintoxicação química devido ao uso de crack. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 36(2), 50-55. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2015.02.48736>
- Pedrosa, S. M., Reis M. L., Gontijo, D., Teles S. A., & Medeiros, M. A. (2016). A trajetória da dependência do crack: percepções de pessoas em tratamento. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 69(5), 956-963. doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0045>
- Raupp, L., & Adorno, R. C. F. (2011). Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(5), 2613-2622. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000500031>
- Romanini, M., & Roso, A. (2018). Usuários de Cocaína-Crack e Recepção de uma Campanha Televisiva Antidrogas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, e34410. Epub. doi: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34410>
- Rui, T. (2019). Por entre territórios visíveis e territórios invisibilizados: Mercados ilícitos e crackolândias de São Paulo e Rio de Janeiro. *Novos estudos CEBRAP*, 38(3), 573-588. Epub January 27, 2020. doi: <https://doi.org/10.25091/s01013300201900030004>
- Selegim, M. G. S., & Oliveira, M. (2016). Usuários de crack atendidos em unidade de emergência psiquiátrica: perfil de uma série de casos Crack users treated in psychiatric emergency units: profile of a series of cases. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, 8(4), 4907-4913. doi: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2016.v8i4.4907-4913>
- Teixeira, M. B., Engstrom, E. M., & Ribeiro, J. M. (2017). Revisão sistemática da literatura sobre crack: análise do seu uso prejudicial nas dimensões individual e contextual. *Saúde em Debate*, 41(112), 311-330. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201711225>

Vallim D.C. (2015). Violados indignos: usuários de crack no Rio de Janeiro e em Nova Iorque. *Psicologia em Pesquisa*, 9(2), 126-138. doi: <https://dx.doi.org/10.5327/Z1982-1247201500020003>

Ventura, J., Silva, M.R. Dos S., Gomes, G.C., Schek, G., Corrêa, L., & Perim, L.F (2020). Stigma associated with pregnant/puerpera crack user: threats that represent institutions. *Research, Society and Development*, 9(2), e122922083. doi: 10.33448/rsd-v9i2.2083.

Vernaglia T.V.C., Leite T.H., Faller S., Pechansky F., Kessler F.H.P., Cruz M.S., & Group B.C. (2017). The female crack users: Higher rates of social vulnerability in Brazil. *Health Care for Women International*, 38(11), 1170-1187. doi: 10.1080/07399332.2017.1367001.

United Nations (2019). *The Sustainable Development Goals Report*. New York, 2019. Retrieved from [//unstats.un.org/sdgs/report/2019/The-Sustainable-Development-Goals-Report-2019.pdf](https://unstats.un.org/sdgs/report/2019/The-Sustainable-Development-Goals-Report-2019.pdf)